

Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística

Pelé and Maradona: center of polemic journalism

Helal R¹; Lovisolo H²

1 - Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pesquisador do CNPq

2 - Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pesquisador do CNPq

Resumo

A partir da produção jornalística, produzida na Argentina e no Brasil, sobre os heróis do futebol Pelé e Maradona os autores desenvolvem a hipótese de que, contra a interpretação dominante, os argentinos constroem e louvam heróis “dionisíacos” enquanto os brasileiros parecem optar pelos “apolíneos”. Os autores partem do famoso texto jornalístico de G. Freyre onde é santificada a imagem do jogador brasileiro, sobretudo o mulato, enquanto dionisíaco. De fato, o texto provoca a reflexão crítica das representações dominantes sobre as identidades argentina (europeizada e iluminista) e a brasileira (autóctone e macuanímica).

Palavras-Chave: jornalismo; heróis; Pelé e Maradona

Correspondência:

Ronaldo George Helal

Email: ronaldo.helal@globo.com

Abstract

From the journalistic production produced in Argentina and in Brazil about the soccer heroes, Pelé and Maradona, we develop the hypothesis that against the dominant interpretation, Argentineans construct and worship “dionisiac” heroes while Brazilians prefer the apollonian ones. We start off from the famous journalistic article written by Gilberto Freyre in which it is praised the image of Brazilian player, specially, the mulato one as dionisiac. In fact, the article provokes the critical reflection on the dominant representations about the Argentinean and Brazilian identities.

Keyword: journalism; heroes; Pelé and Maradona

Introdução

O jornalismo esportivo sempre esteve vinculado ao campo da emoção pelo esporte. Os jornalistas tiveram que desenvolver o gosto pelo esporte ao mesmo tempo em que se socializavam conceitos técnicos. O jornalismo esportivo teve e tem no esporte o espelho que ele mesmo criou: deve ser emocionante. Os valores dos pertencimentos nacionais e locais e as figuras dos heróis foram centrais na construção da emoção pelo esporte e sobre esta base seu agir foi demagógico, retórico e polêmico. Demagógico no sentido estrito de conduzir as emoções e opiniões do povo no campo do esporte. Retórico, no sentido amplo, tanto dialético ou argumentativo quanto oratório, disto decorrendo a riqueza das figuras utilizadas.

As considerações realizadas de modo sintético permitem que o leitor acompanhe a análise, embora parcial, que realizaremos da construção do debate em torno de Pelé e Maradona, nos jornais argentinos e brasileiros. O material analisado será principal, porém não exclusivamente, os jornais das Copas do Mundo de 1982 a 2002¹. Incorporaremos, contudo, observações baseadas em ocorrências de domínio e memória pública.

Pelé e Maradona: ou do Rei e do Herói

Como demonstramos em outros trabalhos (Helal e Lovisolo, 2007^[3]; Helal 2007^[1]), existe na Argentina um sentimento dominante: o futebol brasileiro é superior ao argentino; o Brasil é uma fábrica de craques, a Argentina de grandes jogadores. O futebol do Brasil, dito pelo próprio Maradona, estaria um degrau acima do argentino. Os discursos retóricos sobre a superioridade se estruturam sob a forma polêmica, aspecto central nas elaborações aristotélicas.

A forma canônica de estabelecer a superioridade do estilo brasileiro foi feita por Gilberto Freyre no seu conhecido artigo de jornal “Foot-ball mulato” onde argumentou que a identidade brasileira é mulata. As qualidades da astúcia e a espontaneidade individual seriam expressões do mulatismo do futebol. Arte, dança e capoeira se entremeiam na argumentação de Freire enquanto núcleo dionisiaco do futebol por assimilação do “jeitão mulato”. O “jeito mulato”, portanto, seria rebelde “aos excessos de ordenação interna e externa, aos excessos de uniformização e geometrização, ao totalitarismo que faz desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal”. Freyre conclui que “o estilo mulato, afro-brasileiro, de futebol é uma forma de dança dionisiaca”. As fórmulas freyrianas tiveram notável êxito.

¹ Este material foi coletado por Helal, em estágio pós-doutoral, na Universidad de Buenos Aires entre 2005 e 2006.

Na Copa do Mundo de 1982, não encontramos comparação entre Maradona e Pelé em nenhuma reportagem nos jornais dos dois países. Foi ao final do Mundial vencido pela Argentina em 1986, na edição de 24/06/1986 da revista *El Gráfico* que vimos pela primeira vez uma comparação. A revista publica reportagem de Juvenal com o título: “Nace una polémica que no morirá jamás: Maradona fue más para Argentina que Pelé para Brasil”. O jornalista trabalha a partir do pressuposto de que o Brasil teria conquistado o tricampeonato em 1970 sem Pelé e a Argentina não teria conquistado o Mundial de 1986 sem Maradona. A argumentação implica que Maradona foi um herói. Se o Brasil teria sido campeão mesmo sem Pelé, este não teria sido o herói. Não se hierarquiza as qualidades dos atletas: o que importaria é a contribuição de cada um para seu país. O eixo posicional permite a construção da polémica mais em torno do herói do que do melhor. Surge a questão: se pode ser o melhor do mundo e não ser herói?

Na análise da morfologia do conto popular, realizada por Vladimir Propp⁵, o herói passa por provações, cai e se levanta. Na capacidade em superar os desafios da sorte adversa o herói se faz. A história pessoal e profissional de Maradona está clivada de quedas e ascensões. Os dados são conhecidos. Em contrapartida, onde estão as quedas e ascensões de Pelé? Pareceria que estamos diante de uma trajetória feita a partir de uma monótona equação linear. Maradona aparece como um herói dionisíaco, paixão e emoção; Pelé como um rei apolíneo, razão e técnica.

O primeiro indício de mudança na polémica, isto significando um deslocamento do eixo parte todo, ocorreu em 29/06/1994, em coluna de Nestor Straimer sob o título “¿Brasil Ya Está Sufriendo?” Ao lado da coluna, aparece uma charge de *O Globo*, com Maradona levantando a camisa e deixando à mostra um cinto apertando a barriga. Embaixo, Maradona gordo, roendo

as unhas. O texto “Diego, según los brasileños” diz que: “En la última semana ‘O Globo’ publicó estas caricaturas de Maradona. Lo ridiculizan una vez más. ¿No será porque temen una final con Argentina?”

Esta foi a primeira nota provocativa, gerada a partir da charge de *O Globo*. Foi uma nota isolada no meio do material sobre a Copa de 1994. No bojo das narrativas, a identidade sul-americana é reforçada e a memória do “Brasil de 70” é acionada na final contra a Itália. Os elogios a Pelé nos jornais argentinos, neste período, como “El Más Grande”, justo em uma Copa em que Maradona fue suspenso por acusação de doping, saltam aos olhos e demonstram que o debate entre Pelé e Maradona não tinha ainda sido “construído”².

No Copa do Mundo de 1998, o jornal *Olé*, que tinha sido fundado em 1996, publica em 10/06/1998, uma reportagem sobre as Copas vencidas por Brasil. A de 1970, com foto de Pelé, tem como título: “Algo Nunca Visto. No hubo nadie que pudiera contra la máquina brasileña de los cinco números 10. Será muy difícil que vuelva a aparecer un equipo igual”. Embaixo da foto vemos que “en su último Mundial, se coronó como O Rei, con piruetas y goles de antología”. Destaquemos esta narrativa, já que *Olé* vai fazer provocações a Pelé durante a Copa de 2002.

No dia 20/06/2002, *Clarín* destaca na primeira página: “Encuesta de Clarín - ¿Inglaterra o Brasil? Que pierdan los dos”. E diz que “más de 18.000 personas votaron en la consulta del diario. Embaixo outra pesquisa: “Medición de la FIFA – Diego volvió a dejar atrás a Pelé (...) La encuesta fue para armar un equipo ideal y Diego fue el más votado. Maradona:111.035, Pelé: 107.539”. Assim, o debate sobre o “melhor da história” já estava “construído”. A partir desse momento tenderá a crescer, embora sempre matizado por reconhecimentos à qualidade excepcional dos atletas.

² Ver, por exemplo, *Clarín* de 15 de julho de 1994.

No dia 1º de julho, após a conquista do pentacampeonato pelo Brasil, em matéria sobre as Copas vencidas pelo Brasil, a que se refere a 1970 diz: “El Equipo Maravilla” e “casi todos eran creadores, con un solista impresionante como

Pelé. Fue acaso la mejor selección de todos los tiempos” (Olé, 1/07/2002). Não há ironias a Pelé e a “seleção de 70” é reverenciada como a “melhor da história”. Ter sido o melhor jogador da história não parece fazer de Pelé um herói, embora sim um Rei.

Seria mais fácil identificar-nos com os altos e baixos de Dionísio que com a altura apolínea de Pelé? Isso parece ser mais plausível para os argentinos. Contudo, há uma parcela de brasileiros, especialmente entre os de mais idade, que viram Garrincha e Pelé jogarem, que afirma que o melhor de todos foi Garrincha. Ele, sim, um herói dionisíaco que se metia em confusões e provações de varias naturezas. Talvez por isso a sombra de Garrincha ainda tire luz da figura do Pelé.

Até este momento pensamos a relação entre Pelé e Maradona a partir do material argentino. Agora deslocaremos o olhar para o material gerado no Brasil.

Na Copa de 1986, as reportagens brasileiras exaltavam Maradona. Após a vitória argentina sobre a Inglaterra, o Jornal do Brasil de 23 de junho, colocou na primeira página uma foto no alto de Ayrton Senna, esportista claramente apolíneo, vencendo na Fórmula 1 e outra, embaixo, de Maradona com a legenda: “Maradona dá o drible final em Shilton no gol mais belo da Copa”. A vitória de Senna aparece com mais destaque do que a vitória Argentina. Esta “edição” pode estar “compensando” o fato de que Brasil tinha sido eliminado pela França. Na seção de esportes, temos a manchete “Genialidade e esperteza no ‘show’ de Maradona”; “Segurar Dieguito era impossível e aos ingleses só restou a alternativa de caçar o dono da bola e do jogo”. A narrativa junta “talento” com “esperteza” características

muito cultuadas nas narrativas de trajetórias de vida de nossos ídolos esportivos³. Talvez, se a jogada tivesse sido executada por um brasileiro, a palavra “esperteza” seria substituída por “malandragem”. De fato, ambas as culturas se crêem “donas” desta característica⁴.

Tal como nas análises de Clarín e El Gráfico, entre as Copas de 1982 e 1998, não aparece o debate Pelé-Maradona. Em 1986, as narrativas sobre a Argentina são englobadas pelas de Maradona. Em 29 de junho, o Jornal do Brasil dizia que “o futebol tem um novo rei. Talento, astúcia e surpresa fazem dele o novo gênio dos estádios. Em seus pés a bola parece pequenininha e dominada pela magia: dela ele faz o que quer para o drible irresistível, o lançamento mortal ou o gol diabólico.” A reportagem fala da trajetória de Maradona, e diz que agora ele “está mais maduro, luta pela fundação de uma classe dos jogadores de futebol para se organizar e lutar por seus direitos.”

No dia 30 de junho, após a conquista do bicampeonato pela Argentina, o Jornal do Brasil coloca, na primeira página, a foto de Maradona beijando a taça e ao lado a manchete: “Argentina ganha a Copa em jogo de muita emoção”. Na seção de esportes, a manchete dizia “Armando Diego Maradona é campeão do Mundo e a Argentina também”. É uma narrativa em cima de um jogador e não da equipe. Isso não ocorreu nas narrativas argentinas sobre o Brasil de 70.

³ Para uma análise comparativa das biografias de Romário e Zico ver Helal (2003)^[2]

⁴ Bernstein (1997)⁴ em uma análise sobre a figura de Maradona diz que: “De los diversos atributos que el azar, la divina providencia o las inescrutables leyes del cosmos suelen agraciarse a los hombres, existen dos, al parecer, con los cuales se ha distinguido a los argentinos: el **talento** y la **trampa** (os gringos são nossos). Provavelmente o mesmo já foi dito por vários escritores brasileiros que tentam definir nossa cultura. Em termos sociológicos, DaMatta (1978) trouxe para a academia o tema da malandragem como emblema do “caráter nacional

Em 1990, o encantamento pelo futebol de Maradona aparece já marcado pelo confronto jornalístico sobre o futebol de ambos os países, misturando-se com a visão de que os argentinos são “catimbeiros” e “violentos”. A “catimba” quando feita por brasileiros é narrada no Brasil como “malandragem”, como algo positivo, mas para falar da “catimba” dos argentinos o tom é moralista, como “deslealdade”.

Após a vitória da Argentina sobre o Brasil por 1 a 0, a reportagem “Maradona 1 X 0 Brasil” fala que o Brasil “acabou castigado por um erro imperdoável – relaxou por um momento na marcação a Maradona (...) foi uma jogada, uma única e mortal jogada de Maradona em todo o jogo.” Em “A Fibras de Um Gênio” lemos que, Maradona, consciente de sua importância, exigiu que lhe fizessem uma infiltração no tornozelo esquerdo, contrariando o médico da seleção. O texto diz: “a seleção brasileira teve tudo para ganhar o jogo de ontem, só não teve um Maradona, ele joga na Argentina”. E Calazans escreveu que “Maradona mostrou, mais uma vez (...), que o talento, quando é realmente um talento superior como o seu, ainda destrói os esquemas dos treinadores que exaltam a força em vez do talento”.

Em 22/06/1994, após vitória sobre a Grécia por 4 a 0 lemos que “Argentina e Maradona Brilham”. Temos também uma charge com Maradona mostrando a barriga amarrada. Foi esta charge que gerou uma nota “provocativa” no Clarín.

No dia 1º de julho, O Globo traz uma charge com Maradona com o dedo no nariz: “que coisa feia Dieguito”, uma “provocação” explícita ao fato de Maradona ter saído da Copa sob acusação de doping. Porém, no bojo das narrativas se lamenta a saída de Maradona do Mundial. Notemos que a seleção brasileira, embora vencedora, jogava um futebol que não agradava os jornalistas. Maradona representava a antítese deste “estilo” e era louvado. As duas charges “provocativas”

são exceções no bojo das reportagens. A memória de Maradona é acionada nos Mundiais subseqüentes, principalmente nos confrontos entre Argentina e Inglaterra.

Em 2002, antes da partida contra a Inglaterra, as reportagens voltam a destacar a rivalidade que transcende o universo esportivo entre os dois países e “rememoram” a “façanha” de Maradona em 1986.

O gol conhecido como “mão de Deus” recebe uma crítica sutil, como se tivesse entrado para a história pela “porta dos fundos”, demonstrando que a “malandragem” do “outro” não é bem quista. O clima ficará ainda mais duro. No dia 12 de junho, Arthur Dapieve escreve que “se a arrogância fosse receita certa para o insucesso, o futebol da Argentina simplesmente jamais teria existido (...) Ela insiste em considerar aquele gordote cheirador melhor que Pelé. Para não falar de Garrincha...” O colunista se utiliza de um estereótipo – a “arrogância” – e despreza Maradona. O texto é provocativo e certamente não teria sido escrito antes dos argentinos colocarem Maradona como o melhor da história. Observemos, contudo, o “Para não falar em Garrincha” que parece implicar a superioridade deste sobre Pelé. Garrincha seria superior por natureza? Superior por ser também viciado como Maradona, por ser irreverente e tão dionisíaco quanto o argentino?

As narrativas brasileiras em torno de Maradona foram muito semelhantes às narrativas argentinas em torno de Pelé em 1970. Entretanto, nas narrativas brasileiras não encontramos a “eleição” de uma equipe como referencial do futebol argentino, como os argentinos fazem com o Brasil de 1970. A narrativa sobre a seleção de 1986, por exemplo, foi centrada na figura de Maradona. Se apenas importa o herói, então, o jornalismo brasileiro está confirmando a posição argentina?

Juntando os cacos: do Rei e do “Pibe”.

Os trabalhos comparativos entre Argentina e Brasil partem de um pano de fundo: a Argentina seria mais europeizada e o Brasil teria uma importante influência africana, sobretudo, no campo das práticas corporais. A Argentina aparece como penetrada pela razão ocidental, até pela vigência de uma escola de massas ou universal constituída bem mais cedo que a brasileira e cujo objetivo seria o de europeizar a população. O Brasil teria permanecido tropical, macunaímico, mulato, antropofágico e dançarino dionisíaco. Os próprios argentinos exotizam o Brasil e, sobretudo, Rio de Janeiro. Temos então uma Argentina mais letrada e de razão instrumental mais desenvolvida, talvez mais padronizada e esquematizada que absorveu e faz circular a imagem de um Brasil exótico. Os estilos de futebol, a “parte”, expressariam as diferenças presentes nos respectivos “todos”. A parte é manifestação e atualização do todo.

Contudo, quando olhamos para o plano dos heróis nacionais, a Argentina se caracteriza pela geração e manutenção tanto de maior número de heróis quanto de heróis que parecem ser mais dionisíacos que os brasileiros. Um herói literário como o Martin Fierro, ensinado nas escolas, se levanta contra a autoridade, contra a prepotência da violência legítima do Estado em construção. No campo musical não há no Brasil uma figura mitológica como Carlos Gardel, por não citar Eva Perón e Che Guevara. Vários destes heróis não podem ser postos como guiados pela razão. Assim, os heróis argentinos são muitos, aparecem em áreas diferentes de atividade social e, não raro, possuem um perfil mais dionisíaco que apolíneo. Mais ainda, o movimento político peronista, que desafia os melhores analistas, tem um pé na mestiçagem entre o índio e o espanhol. O mulato argentino é “el cabecita negra”. Maradona não pertence a essa linhagem como pertence uma boa parte

dos “piqueteros” e dos que dionisiacamente tomam as ruas e demovem presidentes, governadores e prefeitos? E, de onde, em um país “europeu”, surge essa capacidade de ganhar as ruas, de carnavalizar a política ao som africano ou indígena, dos bombos batidos incansavelmente?

Retornemos ao ponto. Em contraste, os heróis brasileiros, que são poucos quando levamos em consideração o tamanho, a população e a suposta diversidade, parecem estar concentrados na área dos esportes e tem um perfil apolíneo. Mais ainda, os heróis dionisíacos, macunaímicos pareceriam ter sido enviados para o fundo da história. Ou seja, o presente rejeitaria a identificação com eles? Pelé e Ayrton Senna pareceriam ser os heróis que ainda vigoram no presente com maior força. Ambos se destacaram pela enorme habilidade e competência estratégica. Dificilmente existirá um jogador com a habilidade técnica e a competência estratégica de um Pelé. Entretanto, tudo nele parece apolíneo. Há, contudo, uma parcela da população que resiste, lembra de Garrincha ou se regozija com as tiradas de Romário. Pelé e Ayrton Senna podem ter sido os melhores, os reis, mas sua proximidade emotiva com o povo é difícil de ser registrada. Maradona, em contrapartida, é o “pibe”, é cada um, e é todos. Alguém que está perto e que incide no cotidiano com suas diabruras, malandragens e ditos que se tornam êxito editorial. E que dizer de sua astúcia? O ato de maior mulatice e malandragem não teria sido o gol com a mão? Como teria sido a reação do jornalismo brasileiro se um mulato, ou o próprio Pelé, tivesse feito esse gol? Qual seria o discurso de Freire: elogioso da mulatice ou crítico? Pelé, entretanto, “é poeta quando fica calado”, segundo Romário. O herói dionisíaco, “el pibe”, como talvez último grande desafio, comanda a seleção Argentina. Mais um paradoxo: como um país sério e europeizado põe Maradona no comando?

Como, antes, se dava o luxo de ter um diretor técnico definido como louco, “El Loco Bielsa”?

As questões que ficam são três: 1) as construções que enfatizam a europeização argentina versus a tropicalização brasileira servem de alguma coisa para dar conta das escolhas culturais que constroem os heróis? A resposta é um rotundo não. 2) Por que o Brasil abandona seus heróis dionisíacos, produz poucos heróis e, não muito lentamente, vai definindo um padrão apolíneo dos mesmos? Será que está perseguido pela idéia de ser um país sério? Ou será que apenas pode aceitar os heróis que são consagrados internacionalmente? O ponto merece melhor tratamento. Por último, a oposição descritiva entre o apolíneo e o dionisíaco não se prestará a interpretações fracas e conflitantes por serem seus indicadores muito amplo e também bastante indefinido?

Consideramos que as questões são boas, estratégicas, para pensarmos a dinâmica de construção das identidades na Argentina e no Brasil por meio de seus heróis futebolísticos.

Referências

1. HELAL, Ronaldo. “‘Jogo Bonito’ y Fútbol Criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In GRIMNSON, Alejandro (org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 2007.
2. HELAL, Ronaldo. “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. *Alceu – Revista de Comunicação, cultura e Política*, vol.4, n.7, p.19-36, 2003.
3. HELAL, Ronaldo e LOVISOLO, Hugo. “Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do ‘odiar amar’ e do ‘amar odiar’”. In MARQUES, José Carlos (org.). *Comunicação e Esporte: diálogos possíveis*. São Paulo, Intercom, 2007.
4. BERNSTEIN, Gustavo. *Maradona: iconografia de la pátria*. Buenos Aires, Biblos, 1997.
5. PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.